

Entre gritos e silêncios a mulher escreve(em) Cabo Verde

Sonia Maria Santos¹

Resumo: Leitura crítica sobre a produção literária de Dina Salústio, Orlanda Amarílis e Fátima Bettencourt, reflexões sobre o espaço sociocultural de Cabo Verde que desvelam o papel da mulher na formação identitária do povo, à luz de teóricos da história social inseridos no estudo do quotidiano, memória, feminismo e literatura. Temas como a fome, a infância abandonada, a loucura, a gravidez precoce, as relações de compadrio unem as narrativas das autoras pautadas sobre o quotidiano revelado em crônicas e contos minimalistas. Michel de Certeau, Eleni Varikas, Gayatri Spivak, Maria Odila Dias, Júlio Cortázar, Simone Caputo norteiam a escrita pautada sob as pistas. O objetivo central do texto é analisar a escrita feminina de Cabo Verde, através do estudo comparativo das autoras a fim de mostrar a força dessas narrativas na formação da caboverdianidade.

Palavras-chave: memória. quotidiano. feminismo. literatura. identidade.

As estratégias femininas buscam subverter os esquemas opressores, expressando em seu interior as marcas da dominação que aparentemente consentem para depois, rejeitarem-nas em seus discursos, apresentando assim uma resistência construída nos alicerces da insubmissão. Os estudos históricos, impelidos pela ascensão da história social e do recente enfoque dos acontecimentos da vida familiar e quotidiana, encontram novos rumos, abertos para o desenvolvimento de uma história das mulheres. Para tanto, faz-se necessário arrancar a mulher do silêncio e da obscuridade em que tem sido mantida pelas fontes da historiografia tradicional.

O historicismo, como forma de mentalidade ou escola historiográfica, busca a compreensão da experiência humana em sua concretude, ao invés de confirmar essências e princípios teóricos estabelecidos, criticar totalidades e estereótipos universais é a opção teórica primordial dos estudos feministas. A crítica feminista Maria Odila Leite da Silva assim se refere sobre a importância do quotidiano na perspectiva histórica.

É o que justamente torna possível vislumbrar, na interpretação do processo histórico, a reinvenção de um futuro libertário e não mera inferência de necessidades estruturais. Este o sentido da teoria feminista de desbravamento do quotidiano na perspectiva histórica, pois o acumular de conhecimentos específicos sobre a experiência concreta das mulheres em sociedade a longo termo vem se contrapor aos valores culturais de dominação. (DIAS, 1992,

¹ Doutorado em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestrado em Letras pela Universidade Federal Fluminense. Assessora pedagógica e da Reitoria da Universidade Lusófona da Guiné-Bissau. E-mail: sonia93farrula@gmail.com. ORCID iD: 0000-0002-8228-8532.

p.51)

Segundo a historiadora surgem outros parâmetros para a apreensão do cotidiano das mulheres enquanto resistência ou transformação, as várias áreas de estudo do campo das ciências sociais vêm possibilitando a análise de categorias e imagens constitutivas da experiência em diferentes grupos e culturas. Pensando sobre essas afirmações ao analisar os contos de autoria feminina de Cabo Verde observamos a necessidade de nos aprofundarmos um pouco mais sobre as questões de gênero e experiência aliadas à subjetividade que a propósito da complementariedade dessas categorias a estudiosa Eleni Varikas enfatiza:

Para retornar à história das mulheres, penso que o interesse de um bom número de historiadores pelos métodos de pesquisa e de interpretação do sentido coincidiu com a vontade cada vez mais consciente de construir suas categorias de análise a partir das experiências femininas. A utilização das abordagens da antropologia cultural. Na análise das práticas sociais e das representações, dos rituais de sociabilidade e de trabalho, dos códigos de vestuário e nutrição; a pesquisa das significações culturais e das modalidades as sua construção nas crenças populares e científicas, nas visões de mundo e nas ideologias políticas; a interrogação da dinâmica social e da polissemia destas significações desenvolverem-se amplamente no processo de reconstituição histórica da riqueza e da complexidade das experiências históricas das mulheres.(DIAS,1992, p.51)

Considerando o sujeito dinamicamente inserido em uma rede de complexas relações sociais, sexuais e étnicas, as teóricas feministas contemporâneas pensam a mulher como identidade permanente de construção social e cultural. Desde os tempos pré-coloniais as mulheres africanas lutam contra a estrutura social que limita as suas ações dificultando as transformações necessárias ao desenvolvimento da sociedade. É no cotidiano focado como um recurso possível que obtemos as pistas que apontam para o vivo do sujeito, ou seja, seus hábitos, cultura, religiosidade e tudo aquilo que circula nas práticas ordinárias julgadas insignificantes, mas que muitas vezes são o único lugar possível de se inventar a própria vida.

Os historiadores abrem espaço para a importância dos papéis femininos na construção das identidades nacionais o que possibilita a reconstituição da experiência concreta da mulher na sociedade fato que suscita a criação de sua própria história. Por tudo isso é muito importante que se privilegie a representação cultural da mulher em conjunto com sua história social, através de abordagens que permitam superar a dicotomia entre a vitimização e sucesso, objetivando a

complexidade de sua atuação. Assim, abre-se um novo caminho à história das mulheres com a ênfase nas suas experiências históricas a partir da dialética entre o pormenor e o global registrando a vida das mulheres enquanto seres concretos e não como abstrações diluídas por representações determinadas pelos esquemas de dominação que as excluíam da história.

O sujeito mulher surge, enfim, contra a idéia unívoca e hegemônica do homem patriarcal, a partir de princípios teóricos que cultivam a compreensão da experiência humana em sua inserção com o real. A História e as Ciências Humanas passam a acolher em suas reflexões, não mais um paradigma que explique as ações humanas, mas a experiência concreta de cada ser inserido em seu espaço e moldado pelas circunstâncias que o rodeia. Isto possibilita o surgimento de novos caminhos teóricos do feminismo dentro da história social.

As possibilidades abertas pelas teorias feministas são amplas e provocantes no que compete à instauração de novos campos investigativos. Os pesquisadores dessa questão consideram o avanço significativo da desconstrução do discurso machista secularmente imposto ao apontarem suas contradições internalizadas nos discursos. Se olharmos as mulheres do passado, veremos evidências da atuação delas nas lutas coloniais e na vida pública. Fatos comprovados por farta documentação e interpretação de seus quotidianos que estão em permanente processo de construção. Nestes, o saber e o poder constituem identidades e experiências.

Dentre as várias formas de lermos Cabo Verde, o discurso feminino, resultante das observações dos olhares atentos de suas escritoras, abastece a memória coletiva, ao recordar os fatos ocorridos na infância e nas histórias dos mais velhos, quando despertados pela materialidade dos sinais encontrados na rotina do dia-a-dia. As narrativas analisadas por nós, durante a pesquisa do doutoramento, mostraram fragmentos do mundo vivenciado, presentificando a nossa leitura com uma visão além da decodificação dos sinais grafados no papel.

Cartas de crianças, sonhos adolescentes, depoimentos contundentes, conflitos internos e externos, relações familiares, políticas e socio-econômicas aproximam o leitor desse ritual do olhar *voyer* da mulher escritora que olha a si mesma através de outras mulheres. As diversas histórias retiradas de experiências alheias das quais ouviu falar ou leu, ressaltam a vida crioula, estampada nas múltiplas vozes das personagens abrigadas no interior dos seus textos. A vitalidade contida nos textos de Dina Salústio, Fátima Bettencourt e Orlanda Amarílis analisados por nós, desenharam um mundo ficcional construído pela diegese, captando

imagens, unindo a narrativa para solidificar os significados arrumados harmoniosamente.

Dina Salústio é uma escritora nascida na Ilha de Sant Antão em 27 de março de 1941, recebendo o nome de Bernardina de Oliveira Salústio. Atuou como assistente social, produtora de rádio, dirigiu a Rádio Educativa, colaborou com o Instituto da Condição Feminina e foi técnica do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Seus textos poéticos e narrativos figuram em revistas como *Mudjer*, *Ponto & Vírgula*, *Fragments*, *Pré-textos*, no suplemento *Voz di Letra* e no jornal *Tribuna*, *Ekhos*, *Revue Noir*, produzindo também livros infantis e obras de caráter pedagógico. Publicou em 1994 uma coletânea de 35 contos com narrativas curtas intitulada *Mornas Eram as Noites* contendo uma variedade de temas associados à vivência feminina e escreveu o romance *A Louca do Serrano* (1999), no qual a loucura feminina se apresenta como agente transformador de uma cidade modificando o comportamento dos indivíduos. Em *Filhos de Deus* (2018) a questão da solidão feminina e a paternidade irresponsável desenham mulheres fortes, lutadoras e generosas. *Veromar*, romance escrito em (2019), descreve uma cidade com contradições a partir do nome, pois o mar não faz parte da paisagem povoada por mulheres místicas e fantásticas na qual o desaparecimento de uma criança desencadeia toda a trama cunhada no abandono, na indiferença e inúmeros conflitos.

Com um discurso que traduz a força, os desejos e as angústias da mulher caboverdiana integrados à mulher na atual conjuntura universal, seus textos navegam tanto pelas águas da cultura tradicional do seu povo, como também pelas atuais estruturas multiculturais e globalizantes da pós-colonialidade. Como artista da palavra, Dina Salústio se assume como contadora de histórias de mulheres, mimetizando em seu discurso a simplicidade, a espontaneidade contidas nas minúcias do quotidiano insular. Sua escrita delineia vários tipos sociais apresentados com humor e ironia o que provoca rupturas nas fronteiras impostas por um discurso estatuído dando espaço aos gritos que eclodem das margens para compor uma nova história protagonizada por sujeitos ativos conscientes do seu papel e da importância do seu lugar de fala. (RIBEIRO, Djamila, 2019).

Mornas Eram as Noites torna possível a visibilidade de corpos e vozes femininas silenciadas pelo abuso, meninas-mães amadurecidas à força pela gravidez precoce, das prostitutas e das alcóolatrás. Escrevendo para compreender-se este sujeito feminino visível torna-se um ser político provocador de novas relações de poder. As histórias de Dina Salústio exibem uma gama de sujeitos individuais reafirmando suas identidades na diferença e na especificidade de cada situação. No texto a Oportunidade do Grito do livro *Mornas eram as*

Noites, a personagem principal faz um questionamento sobre os contextos social, ideológico e histórico que preenchem a sociedade com seus códigos norteadores da conduta e da moral. Assim ela propõe:

"Tens que largar essa maneira de estar, pôr de lado o marasmo que te envolve. Parece até que estás a pedir esmolas à vida - (...) dizia a vencedora
 - Arranja força, sacode o mal olhado ou seja que diabo for, mas vive continuava. Agora num tom tão alto que obrigava um ou outro passante a diminuir o passo.
 - Mas se eu não faço mal a ninguém! Se eu nem tenho inimigos! (...)
 - Claro que não quero continuar neste vegetar e, para que saibas, luto, esforço-me rezo, mas não adianta muito.
 - Rezas? Grunhiua outra, já no limitado que parecia sua paciência.
 - Rezo, peço a Deus...
 - Pedes a Deus? Idiota! Tens é que discutir com Ele. Enfrenta-O como mulher. Mostra-lhe as tuas razões. Grita se for preciso.
 - Enfrenta-O. Deus gosta de mulheres fortes -gritou..."(SALÚSTIO, 1994, p. 07)

Mergulhando na indignação, a mulher busca a força para soltar seu grito e motiva a companheira vencida pela depressão a revolucionar-se, rebelar-se contra o peso do poder sobre ela, mesmo que este represente o maior de todos os poderes. O grito é a metáfora da liberdade e ser forte é estar disponível para lutar contra qualquer coisa que se oponha aos seus objetivos, mesmo que o obstáculo seja DEUS.

A escrita de Dina salústio espelha a cumplicidade de mulheres aliadas na luta pela sobrevivência nas relações de comadrio, os desejos íntimos e reflexões sobre a vida estão marcados nos textos: "Conhecimento em debate", "E por que não havia de não gostar", "Ponto Final" e "Conversa de Comadres". São contos onde tal integração se expressa com mais nitidamente, pois retratam a intimidade e reflexões das mulheres sobre suas experiências na sociedade. Elas debatem o conhecimento com alteridade e firmes em seus pontos-de-vista, opinando sobre a existência, ampliando seus sentidos em direção ao conhecimento do mundo, seguindo o pensamento de Heidegger em *Ser e Tempo* (1927), podemos dizer que o quotidiano expressa o ser no mundo em interação com outros seres, isto é, existindo e definindo-se a partir da observação de outros indivíduos. Assim, o indivíduo se angustia, pois somente ele vive a cada momento sua vida inteira.

Sempre alerta com as questões que envolvem mulheres e crianças, a artista da palavra descreve cenas atenta aos detalhes das projeções individuais. As narrativas envolvem relações pessoais e conflitos nas relações com o "outro" apontando uma relação entre o indivíduo e o

mundo calcada em frustrações que cerceiam as personalidades ofuscando-as. "Álcool na Noite" e "Rosa Negra" decrevem o limite da existência do alcoolismo e da loucura na vida das mulheres. Da construção literária do texto advém sua significação, intensidade e tensão que concentram os fatos, retirando as situações intermédias, mas ao mesmo tempo inserindo ações que dão movimento e fazem perdurar a estória na memória do leitor.

No romance *A Louca do Serrano* (1998), a autora inclui a mulher numa atmosfera fantástica para representar a transgressão feminina frente ao poder masculino. Nesse livro, gerações de mulheres convivem com os saberes iniciáticos de uma velha feiticeira que se torna o eixo da trama. Gremiana e Filipa, personagens principais, provocam o poder dos homens e suas verdades com a loucura, rompendo a rotina e desmoronando a ordem na cidade de Serrano que apresenta um cenário tipicamente caboverdiano: cabras, vento, grogue, batuque, quebranto, feitiços, solidão feminina e insatisfação. Através do realismo mágico e da ironia, a crítica à sociedade transparece por vieses inesperados:

Falava-se de uma outra mulher, Gremiana, rapariga rebelde que também quase destruiu a aldeia, porque não aprendeu que os homens de Serrano, incapazes de juntar os seus cacos e dar-lhes novas verdades, rastejavam por um sonho alheio e aceitavam todos os restos que lhes atiravam, presos a nós que os amordaçavam. (SALÚSTIO, 1998, p.15)

Inovando a escrita feminina no Arquipélago, Dina salústio cria um romance mítico, protagonizado por mulheres e pela força da natureza, usando a ironia para desconstruir as verdades cristalizadas. Comparando-a com as outras contistas, vemos em seu trabalho uma preocupação com a arquitetura dos discursos que nivelam os pensamentos e os enquadram segundo a ótica dominante. Simone Caputo Gomes estudiosa constante da escritura feminina em Cabo Verde assim analisa *A Louca do Serrano* :

Serrano, na pena, pincel ou câmara de Dina Salústio, uma povoação pequena, rural(de sol, chuva, sementeira, colheita), "fronteira de fronteiras, pedaço de terra forte, de pele lamacenta e alma rochosa", batida pelo "vento incansável"; de mulheres e crianças " improvisando o batuque em latas velhas" onde "uma cabra alimenta um bebê" e alguém se "afoga em grogue", lembra-nos um cenário já muito conhecido: Santo Antão e,por extensão Cabo Verde. No entanto,a narrativa se alimenta da seiva fértil do realismo mágico de *Cem Anos de Solidão*, de Garcia Márquez, pois que desde logo funda a origem e a história de Serrano no mítico, no mágico e na indecibilidade do fantástico, dando relevo ao inumano e ao absurdo da vida quotidiana.(GOMES,2000,p.113)

Desmitificando essa estrutura discursiva, interrogando comportamentos e atitudes, usando o humor como estratégia, a autora abre fendas por onde a inquietude passa de forma provocativa, desassossegando as idéias, alargando as possibilidades das leituras semióticas, enfim, abalando a passividade e/ ou a convivência do leitor com a realidade vivenciada. Essa aproximação da autora com as experiências das personagens traz a magia da vida para o universo das letras, inundando seu discurso com uma prosa poética que fixa o leitor em deleite com a capilaridade dos fatos hodiernos trazidos à superfície com profundidade e sutileza.

Fátima Bettencourt escreve desde 1993, embora só publique o seu primeiro livro de contos *Semear em Pó* em 1994, que traz no conto *Vovô* uma história de amor e morte na qual a figura do ancião marca a importância da velhice na cultura africana. Uma patente herdada do continente, forjando assim, a africanidade no seio da caboverdianidade. O ofício de contador de história tem uma tradição masculina, mas no conto, a autora mostra contudo, o ofício de manter a tradição do contar, para a menina ouvinte das histórias do avô, agora morto. Aqui, a escritora registra a figura da mulher como mantenedora da memória ancestral acrescentando cor local e adaptando essa tradição ao telurismo crioulo.

A escritora publica, em 2001, o livro de crônicas *Um certo olhar* onde se vê uma nacionalidade em construção harmonizando as vivências dos ilhéus, gente simples, cujos gritos e sorrisos são plasmados pela ficção. A partir de estórias motivadas pelo núcleo familiar, a memória afetiva vai delineando para o leitor o espaço ilhéu, principalmente o compreendido entre São Vicente e Santo Antão marcas da experiência vivida pela autora. Em 2019 Fátima Bettencourt escreve *Sonhos e Desvarios*. Em entrevista concedida ao jornal Expresso das Ilhas a autora fala sobre sua produção:

Na verdade o meu género de eleição é a crónica. A crónica é aquela coisa que faço de coração aberto. Os contos, gosto também porque é texto curto. Gosto de textos curtos. Sejam crónicas, sejam contos, para mim está bem. Não me atrevi a entrar num texto mais longo. Escrevi um ou outro pequeno ensaio, às vezes trabalhos que me pedem e que tenho que me cingir às medidas que me indicam. Não sei porque é assim. Não sei se é porque comecei assim... Não sei se é porque os romances têm aquela fase de “palha”. E como nós estamos numa seca “braba”... Onde é que vou arranjar palha (risos), para encher as páginas de um romance? Eu tenho um, que comecei a escrever há alguns anos. Está ainda aí, às voltas na minha cabeça. Já até fiz uma espécie de sumário dos capítulos, para ver onde é que meto as coisas. Mas eu não tenho muita esperança de que aquilo vá dar certo. Porque não sinto vontade de trabalhar aquilo. Gosto é de trabalhar os textos curtos.

A autora revela na entrevista a sua preferência por histórias curtas baseadas na experiência do cotidiano guardado na memória da menina feliz que guarda fatos delineados pelos traços da escritora desenhando a caboverdianidade pelo olhar da menina aprisionada no corpo de uma mulher sensível na captura dos sentidos dos modos de ser e de observar o mundo ao seu redor. A entrevista continua trazendo para perto do leitor a importância da escolha do conto e da crônica no seu processo criativo.

Então não sente nenhuma pressão?

Pressão não. Mas de vez em quando ainda há pessoas que me perguntam “quando é que publicas um romance?”, “quando é que escreves um texto com mais fôlego?”. As pessoas pensam que isto (mostra o livro) não precisa de fôlego. Isso é um engano. Precisa sim, principalmente quando são livros temáticos. Porque os meus livros de contos, até agora, são temáticos. Escrevi o primeiro (*Semear em Pó*) com as memórias da minha infância, o segundo (*Mar, caminho adubado de esperanças*) sobre imigração, e este terceiro são os sonhos que tive e que resolvi adaptar em forma de contos.

E porque pensou em transformar sonhos em contos?

Comecei a pegar nos sonhos, a tomar algumas notinhas, a guardar... Ainda há dias estava a mexer numa agenda antiga e encontrei duas histórias deste livro naquela agenda de 2005. Quer dizer que desde essa altura eu já estava a contar que um dia poderia fazer isto. Claro que não é um trabalho no qual se marca data, porque não se sabe quando se vai sonhar e nem se se vai reter algo do sonho. Eu tinha mais algumas histórias mas resolvi não as colocar aqui porque ficavam demasiado pessoais. Eu sonhava com fulano de tal... Sonhei um que chamei de Cavalo Alado: era um em que sonhava com uma pessoa mas, se eu fosse contar aquilo, ou disfarçado ou sem disfarce, ia dar logo uma série de informações que eu não queria passar. Então fui cortando os sonhos que me pareceram ter este defeito. E assim fui ficando com menos, até ficar em 15.

Fátima Bettencourt é uma autora memorialista cujas lembranças trazem a alegria de uma infância em sintonia com a terra natal marcada pela solidariedade moldada pelas dificuldades de sobrevivência numa terra árida cercada de água e povoada de sonhos. Ficar ou partir, dramas existenciais do povo cabo-verdiano cuja imaginação vagueia pelo olhar desejoso de conhecer além dos limites impostos pela insularidade. Os sonhos espelham desejos e desesperanças. Medo, fantasias representativas de um inconsciente coletivo e também particular.

E com o que é que sonha? São mais sonhos cor-de-rosa ou há também pesadelos?

Nem sempre são cor-de-rosa. Por exemplo, um dos contos chama-se Juízo Final e este era realmente um pesadelo. Eu sonhei que assistia ao fim do mundo. Mas eu estava a uma janela e assistia a tudo, muito preservada. Nada

me atingia. E assistia ao mundo a pulverizar-se. Quando eu digo “eu” é porque escrevo na primeira pessoa muitas vezes. Mas os contos não são inteiramente sonhos. Ficam algumas imagens dos sonhos e eu, a partir destas, meto alguma ficção com a qual vou “tapando” os buracos que ficam.

Dizem que o material dos sonhos é puro surrealismo. Podemos dizer que a Fátima Bettencourt já está também no grupo dos escritores surrealistas?

(Risos) Eu não gosto muito de estar nestes grupos. Não sei... Tenho reticências quanto a isso.

Ao surrealismo ou a grupos?

Quanto aos grupos que se dedicam a isso e ficam catalogados. Eu não gosto de etiquetas. Eu sou escritora por instinto. Não tenho nenhuma formação específica. É uma vocação que veio de infância. Desde pequenina gostava de pegar num tição (eu nasci no campo) e rabiscar num papelinho que depois passava o dia a ler. E também queria que os outros lessem. Eu gosto de escrever. A avaliação da minha escrita é feita sempre por terceiros. Mas a mim dá-me prazer, estes textos curtos.

A terra, o povo, o registro de vivências compartilhadas no chão de pedra e pó povoam o imaginário da artista que não aceita ser marcada por categorias externas moldadas pelo campo da academia. Mostra na entrevista ser reservada quanto às categorias que aprisionam o ser instinto livre de ser e de traduzir a outros as suas experiências diluídas pelo tempo, mas resgatadas pelas narrativas que aprisionam o instante vivido, trazendo às gerações do presente uma realidade construída com luta, cumplicidade e coragem. A entrevista continua a expor a alma da escritora ao seu público. Fala do medo e da força da mulher no entretimento das dores e dificuldades, mas escrever para o público era o seu grande desafio.

Publicou um livro pela primeira vez em 1993.

Sim, já escrevia havia uns dez anos. Sem publicar nada porque tinha medo. Havia um medo! Principalmente as mulheres. Criaturas destemidas, que nunca têm medo de parir os filhos, que enfrentam as situações mais tremendas, e sentem medo de publicar. Eu me lembro da primeira vez que eu me vi sentada numa mesa, a assinar autógrafos no meu livro... Senti que não era eu, que estava lá. Estava a sonhar...

Há uma condição que é a Síndrome do Impostor, que se caracteriza por a pessoa nunca acreditar que é bom o suficiente, que merece reconhecimento, por sentir-se uma farsa. Atinge sobretudo as mulheres.

Exactamente. E porquê? Porque temos séculos de opressão, séculos de nos “buzinarem” nos ouvidos que nos éramos inferiores, menos capazes, menos inteligentes. Até as mulheres poderosas diziam isso de outras. Então, aquilo

foi “entrando no ADN”... E às tantas foi uma luta tenaz para reconhecermos o nosso valor. Porque não éramos reconhecidas por ninguém. (Expresso das Ilhas)

Podemos ver a sinceridade da escritora ao revelar o seu gosto pela crônica por expô-la a experiência das observações feitas no transcorrer da vida retida pela memória e transferida para o papel. Fragmentos do quotidiano fincados na alma como instantes suspensos do nada ornados com toques de ternura e encantamento. Pensamentos que voam livres e nos fazem perceber o sentido fugidio contido nos risos, nas mágoas e esperanças delineados no texto meticulosamente arquitetado por notinhas guardadas, sonhos e pesadelos lembrados que marcam o estilo da autora que confessa não se afeita a rótulos pois escreve por instinto.

Júlio Cortázar, no texto “Alguns aspectos do conto”, aponta o caráter maleável do mesmo definido por ele como uma narrativa condensada, estruturada pela tensão e por aspectos significativos cuja intensidade dependerá da técnica empregada. Eliminando fatos periféricos, o conto centra-se em um episódio, sem ocupar-se com análises minuciosas ou complicações no enredo, limitando tempo e espaço aproxima-se do leitor magicamente, seduzindo-o. No entanto, a crônica registra tudo o que está à mostra, delineando as circunstâncias e costurando a pluralidade para focar uma unidade significativa. Se o conto foca um instante da condição humana, a crônica registra o circunstancial num misto de jornalismo e literatura. (CORTÁZAR, 1994)

Temas como a miséria, a fome, o esmolar, o contrato para São Tomé, a gravidez precoce, as crianças abandonadas, as mulheres bêbadas, a prostituição, o comadrio a morabeza se unem a outros importantes núcleos nas narrativas das autoras. Dentre estes, do núcleo marítimo destacam-se a *hora di bai*, momento doloroso da despedida, a emigração, a diáspora, a solidão, o fatalismo, o sonho; do núcleo geográfico-climático, a ilha agreste, a seca, o vento, os animais resistentes (a cabra e o burro). Os costumes, traços culturais bastante glosados e recriados pela Literatura Caboverdiana, são aqui também registrados: cenas culinárias, com elementos como a cachupa, o cuscuz, o pilão, o grogue, o vestuário, a música e a língua crioula. Porém, o mais importante na leitura desses textos é acompanhar a ótica feminina que preside o recorte das cenas.

Orlanda Amarílis, outra escritora muito estudada no Brasil, apresenta em seus textos *Cais do Sodrê té Salamansa* (1974), *Ilheús dos Pássaros* (1983) e a *Casa dos Mestros* (1988) mulheres que vivem repartidas entre a terra-mãe e a terra-longe. O resgate da cultura crioula, na narrativa orlandina, se realizará pela ótica paralela, sob o ponto de vista atuante do nativo e

nostálgico do emigrado. Casada com o crítico português Manuel Ferreira, a autora fez contato direto com o movimento literário *Certeza*, firmado em torno da revista do mesmo nome, cujo ambiente intelectual favoreceu o encontro de escritores e intelectuais que criticavam o imobilismo social do país. É o momento do Neo-realismo alavancando suas interpelações sobre as questões do homem comum.

A dura realidade da seca, da fome, do desemprego aproximava os jovens escritores caboverdianos desse movimento e Orlanda Amarílis atraída pela *Academia Cultivar* fundada por Tomás Martins, Guilherme Rocheteau, Filinto Menezes e José Spencer, juntou-se então ao grupo de certeza para nela inscrever um olhar feminino sobre a realidade crioula. A proposta literária dos modernistas brasileiros Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Jorge Amado, Manuel Bandeira, Drummond, João Cabral de Melo Neto também fertiliza os sonhos da escritora. Bebendo na fonte do Neo-realismo português e do Regionalismo brasileiro, a revista *Certeza* foi solidificando as suas raízes, projetando-se como um espaço privilegiado para adiscussão das problemáticas do homem caboverdiano. Um olhar mais aprofundado sobre a realidade do país e dos cabo-verdianos na diáspora faz com que a autora comece a produzir seus contos, publicando-os a partir dos anos setenta. Jane Tutikian, pesquisadora brasileira, assim exprime sua visão sobre a escritora:

Orlanda Amarílis pertenceu à geração da Certeza. Aí estão suas histórias tecidas com a experiência caboverdiana, de carências, de encontro com as raízes míticas a revelar a própria essencialidade do arquipélago. Por outro lado, pertencendo também à diáspora ou à dispersão, ainda que presa à reiteração da temática social da terra, consegue contrastá-la com a cultura portuguesa, sob a forma de um olhar distante e de um olhar estranho, respectivamente. Cria uma narrativa que medeia ambos os espaços, buscando relacionar a psicologia e meio social em que suas pessoas de ficção se inserem, sem deixar de abrir-se para a originalidade de diferentes recursos estilísticos. (TUTIKIAN, 1999, p.60)

Unindo pedaços de sua vivência na diáspora, a autora sintetiza sua experiência na criação de encontros e desencontros ficcionais: Cais-do-Sodré, em Lisboa e a praia de Salamansa, em Cabo Verde, funcionam como ícones entre os contos do livro *Cais – do - Sodré Té Salamansa*, deixando a descoberto a complexidade do drama existencial entre cultivar a identidade caboverdiana e a tentativa de adaptação à vida européia. As narrativas evidenciam os estranhamentos decorrentes das diferenças culturais, sobretudo quando a face do colonizado é vista com olhar discriminatório “...Sempre a fugir de andar com os patrícios de cor para não

a confundirem e afinal é um branco que lhe vem lembrar a sua condição de mestiça”. (AMARÍLIS,1974,p.45).

Se no entanto, esse mundo apresenta-se hostil ou indiferente, a memória é ativada para suprir a falta das referências que o momento impõe: “De algum tempo para cá acontece-lhe isto. Vê um patrício, sente necessidade de lhe falar, de estabelecer um ponte para recordar a sua gente, a sua terra.” (AMARÍLIS,1974,p.15). Comparando a vida do homem e da mulher crioula no continente com a sua experiência na terra-mãe, percebe-se claramente na fala das personagens uma consciência do isolamento a que são submetidos devido às diferenças culturais. Este fato acentua a saudade do espaço natal muito diferente da experiência no estrangeiro. O que foi vivido antes da experiência da diáspora não se reconhece no espaço estranho constatado pelo olhar não familiarizado com o que vê:

“Não chega a compreender porque se constrangia a acompanhar a Tanha. Estar à espera do marido estava, mas não havia problema. Podia ir com a Tonha pela linha adiante e matar saudades, a ouvir a fala descolada e sabe de Soncente, fala de conversa de novidades” (AMARÍLIS,1974.p.15).

Do Cais - do - Sodré, em Portugal, até a praia de Salamansa, em Cabo Verde, há um distanciamento cultural e geográfico que ocasiona relações entrecruzadas por particularidades e objetivações dos indivíduos em cada um desses espaços. Deslocada espacialmente, a identidade caboverdiana mantém-se viva através da resistência efetivada pelo recurso da memória. E através dela, as personagens dialogam com o espaço circundante, evocando saudades, interagindo com o novo ambiente sem a dilaceração do ser mantido inteiro através da memória.

Na escrita de Orlanda Amarílisos contrastes aparecem ao longo das narrativas, motivando até mesmo o enredo dos contos. Nos textos de Dina salústio, as referências sinalizam atualidade e igualdade de informação, universalizando os comportamentos e problematizando as relações sociais em Cabo Verde e no mundo. Nos contos de Fátima Bettencourt, a memória da infância desenha os intertícios da casa crioula, os comportamentos moldados pela tradição e as transformações ocorridas pelo tempo.

A casa crioula, na diáspora ou no espaço nativo, torna-se, de certa forma, o lugar privilegiado de convívio e fomento à cultura, pois se constrói a partir das relações de comadrio estabelecidas por ela. A mulher, enquanto sujeito, enuncia na sua fala o jogo da oralidade africana expressa nos provérbios, nas rezas, nos cantos, nas estórias fantásticas que aproximam

as gerações na transmissão de conhecimento. Na música, a morna (antiga cantiga de lavadeiras) adquire o estatuto de estandarte da caboverdianidade por expressar o amor, a ternura da chegada e o sofrimento da partida. É música de saudade e de lamento, sentimento em forma de canção.

Na esfera familiar, a morabeza se instaura e também se corporifica na escrita focalizadora dos acontecimentos, desvelando o real que ostenta por conseguinte, os enigmas sociais vistos pelas narradoras com um senso prático ativado, retirando daí os fatos que contam. Como guardiãs da memória de seu povo, elas, ao armazenarem antigos saberes, mantêm as cerimônias dos antepassados, acionando as relações de parentesco, unindo amigos, vizinhos e parentes não só pelas práticas sociais, mas principalmente pela força da oralidade, exteriorizando as emoções pela arte do contar. Seus contos inscrevem a diversidade do olhar sobre Cabo Verde, externando as diferenças e semelhanças entre ilhas e a união pela mesma materialidade linguística colorida em sua criouldade.

Nos textos de Fátima Bettencourt, Dina Salústio e Orlanda Amarílis, os espaços e as temporalidades são bem diferenciados, mas a sua importância é apreendida pelos acontecimentos neles transcorridos. Além do tempo linear e progressivo, há também o da circularidade, da repetição pautada pelas diversificadas jornadas de trabalho e pelos gestos do cotidiano, pequenos fatos materializando as formas da existência humana. Nesse caso, os saberes do povo das ilhas estruturam e legitimam a identidade crioula por estabelecerem um rio de correspondências geradoras de uma dinâmica que os unifica sem os uniformizar.

Sob o ângulo da linguagem, o texto feminino apresenta-se polissêmico por abarcar vozes divergentes, porém direcionadas a favor da transformação social, visando a uma sociedade mais igualitária, na qual a pluralidade seja agente das articulações político-sociais. Os contos femininos de Cabo Verde inscrevem essa diversidade ao abordar os vários modos de viver nas ilhas dentro de uma mesma unidade linguística - a língua que legitima a identidade nacional. Sob esse prisma, podemos acompanhar a direção do olhar multifacetado das diversas prerrogativas dos discursos contemporâneos sobre a sociedade multimidiática apreendida pela lógica mercadológica que impele os indivíduos a uma padronização dos costumes.

Dentre as formas de ler Cabo Verde, o discurso feminino, resultante das observações realizadas pelos olhares atentos de suas escritoras, abastece a memória coletiva, ao recordar os fatos ocorridos na infância e nas histórias dos mais velhos, quando despertados pela materialidade dos sinais encontrados na rotina do dia-a-dia. As narrativas apresentam

fragmentos do mundo, vivenciado, presentificando a realidade, transportando-nos para além do que ela representa. Se Orlanda Amarílis esboça nos seus textos a sua experiência na diáspora externando a falta da pátria -mãe, essa falta será notificada em outra vertente de estilo por Dina Salústio ou Fátima Bettencourt, pois a casa caboverdiana é o espaço privado, onde se interrelacionam pessoas, objetos e palavras que mobilizam a vida retratada em espaços divergentes. Nos seus contos, as mulheres crioulas se relacionam com saberes e costumes estrangeiros e comportam-se de acordo com as especulações do meio ambiente. Fortes e insubmissas essas mulheres revelam suas importâncias no seio familiar mesmo estando distanciadas de suas famílias.

Os preconceitos sociais e raciais, estampados na sociedade e registrados pelos contos, evidenciam a escritura anônima dos indivíduos, nas lutas intestinas da sociedade, pela igualdade de direitos e pela superação de estereótipos depreciativos que aprofundam as fragmentações sociais. Nos contos, ficaram registradas as aceções de vida ,com as mediações dos contextos em que foram inseridas, nesse caso, as figuras estereotipadas do judeu, do badio (homem do interior de Santiago) servem como exemplo. Para Orlanda, a vida e a morte estão num plano *continuum*, agenciando relações afins para alimentar a altivez do povo cabo-verdiano.

A criança, a família e as relações de gênero de toda a ordem são a tônica do seu discurso que procura penetrar nas intimidades quotidianas para olhar de perto as ações e atitudes dos indivíduos frente às conjunturas econômicas e políticas que cerceiam os passos daqueles desprovidos de voz, impedindo, de certa forma, o seu crescimento. A autora, atenta ao movimento do mundo, eleva seu país à condição de ator no processo de edificação das singularidades dos indivíduos pertencentes aos espaços estabelecidos na periferia do mundo.

O quotidiano como estratégia de análise permitiu-nos ver discursivamente o processo de construção das individualidades e a importância das ações singulares na construção das nacionalidades. Nesse caso, a caboverdiana que, por meio do trabalho diário, constrói um modo de viver diferenciado de outras comunidades pelo contexto histórico-social que a abriga. Construindo uma nação na pedra e no pó, alimentando o seu povo a leite de cabra de sol a sol, a pé ou de jumento, as mulheres caboverdianas seguem seus caminhos infinitos, vencendo a dor e a morte, com filhos na barriga e esperança no peito, sozinhas ou acompanhadas pelos filhos e pelos velhos, elas seguem adiante, vencendo a luta da desigualdade com ousadia e perseverança.

Fátima Bettencourt escreve sobre a terra -mãe enaltecendo-a pela sua singeleza e beleza.

Nos seus contos, a verdura alimenta o corpo e o espírito ao percorrer caminhos na companhia de gafanhotos, brincando com a vida, aceitando a morte, as despedidas e vendo desfilar diante de seus olhos a meninice correndo solta perante os animais domésticos, criados filhos da casa, empregadas sedutoras e carentes de afeição. Nisto se espraia seu olhar de escritora, trazendo à superfície as entranhas quotidianas da casa crioula, através de contos modernos com estrutura curta, linear e, por vezes, poética em sua coloquialidade. Estórias densas, concisas, interligadas por diálogos recheados de criouldade valorizam o discurso, marcando a alteridade cabo-verdiana.

Vistoriando a realidade, os contos das autoras rastreiam a vida por diferentes perspectivas, surpreendendo a leitura de quem pensava já conhecer todos os caminhos de Cabo Verde. De forma labiríntica, o discurso vai capitaneando frestas e becos, descobrindo fatos da vida crioula, a luta em favor da terra madrastra, cantada apesar da pobreza, do sentimento e da morte.

Assim apresentadas, as estórias contadas impelem o leitor a sair de sua zona de conforto para acompanhar criticamente as trilhas abertas pela ficção elaboradora de imagens convincentes sobre a estrutura social e política examinada no interior dos textos. Neles, o absoluto e o reificante cedem lugar à atomização das ações particulares que, vistas em conjunto, mostram um movimento em sintonia com o ritmo da melodia que invade o mundo moderno. O quotidiano é isso, um lugar mágico, sem dirigentes, sem soluções individualistas, sem dono ou utopias, apenas um espaço onde a vida pulsa de acordo com os desejos e estratégias de seus ocupantes. E as mulheres crioulas seguem seus caminhos na construção da nacionalidade cabo-verdiana, fazendo de suas obras verdadeiros quadros pintados por palavras que realçam a coragem e a alegria de viver caboverdianamente.

Referências

AMARÍLIS, O. *Cais do Sodré Té Salamansa*, Lisboa:ALAC,1974.

BETTENCOURT, F. *Semear em Pó*. Praia: Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco,1994.

CORTÁZAR, J. *Valise de Cronópio*. São Paulo:Perspectiva, 1974.

DIAS, M. O. L. S. Teoria e método dos estudos feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do quotidiano. In: COSTA, A.; BRUSCHINI, C. (org.) *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992, p. 39-53.

GOMES, S. C. Mulher com paisagem ao fundo: Dina Salústio apresenta Cabo Verde. In: SALGADO, M. T.; SEPÚLVEDA, M. C. (org.) *África & Brasil*. Letras em Laços. Rio de Janeiro: Atlântica 2000. p. 113-132.

RIBEIRO, D. *O que é lugar de fala ?*. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SALÚSTIO, D. *Mornas eram as noites*. Praia: Instituto caboverdiano do livro e do Diaco, 1994.

_____. *A Louca do Serrano*. São Vicente: Sleen Edições, 1998.

_____. *Filhos de Deus*. Praia: Biblioteca Nacional de Cabo Verde, 2018.

_____. *Veromar*. Lisboa: Rosa de Porcelana, 2019.

TUTIKIAN, J. *Inquietos olhares*: a construção do processo de identidade nacional nas obras de Lúcia Jorge e Orlanda Amarílis. São Paulo: Arte & Ciência, 1999.

Between screams and silences the woman writes (in) Cape Verde

Abstract: Critical reading on the literary production of Dina Salústio, Orlanda Amarílis, and Fátima Bettencourt, reflections on the socio-cultural space of Cape Verde that unveil the role of women in the identity formation of the people, in the light of social history theorist inserted in the study of everyday life, memory, feminism and literature. Themes such as hunger, abandoned childhood, madness, early pregnancy, comadrio relations unite the narratives of the authors based on the daily life revealed in minimalist chronicles and short stories. Michel de Certeau, Eleni Varikas, Gayatri Spivak, Maria Odila Dias, Júlio Cortázar, Simone Caputo guides the writing based on the tracks. The main objective of the text is to analyze the female writing of Cape Verde, through the comparative study of the authors in order to show the strength of these narratives in the formation of Cape Verdeanity.

Keywords: memory. everyday. feminism. literature. identity.

Recebido em: 19 de maio de 2021.

Aceito em: 20 de julho de 2021.